

GEPPE – GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM PRÁTICAS EDUCATIVAS

Patrícia Lima Martins Pederiva
Universidade de Brasília

O GEPPE, com base na perspectiva histórico-cultural e, em teorias pedagógicas de cunho libertário, busca realizar atividades de estudo, discussão, investigação e de mobilização junto à comunidade educativa quanto às formas de educação desescolarizadas. Crê-se que por meio desse processo, poder-se-á fomentar novas bases para a prática educativa em nossa sociedade, com mais sentido existencial para todos que a vivenciam e, que tenham um cunho enraizado na vida, de transformação social e humana.

Na instituição escolar, a atividade de estudar, de instruir-se autonomamente, como uma responsabilidade própria, ficou, cada vez mais, longe da pessoa, pois foi delegada a outros. Essa instituição carrega o ideal do controle social da aprendizagem uniformizada. Antes da invenção da escola, escolhia-se o que, como, quando, com quem e por quanto tempo aprender. Depois dela, têm-se imposições e regulamentações para tal. A não responsabilização sobre a busca intelectual própria, como algo que reverbera em seu interior, que faça sentido e que transforme, não tem mais lugar nesse modo de compreender educação. Instruir-se, por escolha, por vontade e como exercício da liberdade, parece ser um esforço demasiado grande, que, por não possuir reconhecimento oficial e certificatório, perdeu a validade.

Viver em plena escolarização significa ser convocado a sentir-se incompetente para viver, delegando a outros os afazeres da vida, enquanto se prepara de modo encarcerado para viver. Desde sua origem, a escola é uma condição de desenraizamento social e de exclusão. Ela própria promove a exclusão, pois certifica a aptidão e a inaptidão. A escola vem impondo um tempo de aprendizagem que muitas vezes não respeita o tempo de aprendizagem de cada sujeito nela inserido. O desenvolvimento intelectual pode ser aí marcado com ferro e fogo, já que se recebem rótulos de dificuldades de aprendizagem. As presumidas dificuldades são instauradas no corpo como uma marca que a pessoa leva consigo. Elas assumem um estado de naturalidade aparente, uma espécie de pré-formismo. Nesse modelo de relação com o conhecimento, há uma desumanização. A antítese dessa afirmação soa implicitamente como uma das justificativas para a criação do GEPPE, de fomentar discussões relativas a outras formas de educação e prática educativas em diversos espaços sociais que não somente os institucionalizados.

Segundo a perspectiva histórico-cultural, a educação verdadeira precisa ser realizada na atividade real, uma vez que são as necessidades práticas e as demandas da vida concretamente vivida que impulsionam o processo de conhecer: é aí que o conhecimento justifica-se, confirma-se e verifica-se. Assim, a educação enraizada na vida real é fator essencial de desenvolvimento. Geralmente, quando se fala em educação e prática educativa, tende-se a pensa-las pertencentes quase que somente ao espaço escolar.

Compreende-se que para uma mudança, é necessário que se busquem outros espaços, novos contextos, formas de livre organização que acontecem verdadeiramente no transcorrer da vida e das relações. Por isso, é preciso voltar os olhos pra espaços educativos para além dos muros da escola, onde falar de educação seja falar de relações humanas enraizadas na vida, com base na necessidade, na vontade e na liberdade.

PRÁTICA EDUCATIVA DE ATIVIDADE MUSICAL REALIZADA COM CRIANÇAS

**Andréia Pereira de Araújo Martinez
Patrícia Lima Martins Pederiva**

Trata-se de uma pesquisa de dissertação de mestrado que teve por objetivo geral investigar os princípios norteadores de uma prática educativa de música com crianças que participam de um projeto social de educação musical no Distrito Federal. Tal pesquisa justificou-se, principalmente, pelos usos da música, que em alguns contextos educativos, ignoram o desenvolvimento musical das crianças e, também, pela escassez de estudos nessa área.

A música tem pouco espaço no contexto educacional institucionalizado no Brasil. Quando é destinado espaço para a música na escola, acontece um desvio de função, ou seja, a música é utilizada como subproduto para auxiliar na conquista de outros conhecimentos, como terapia ou ainda, como produto para as festividades escolares. Em relação à Educação Infantil, espaço destinado à educação de crianças pequenas, a música é utilizada também, para organizar o espaço escolar, estabelecer rotinas e disciplinar as crianças. Essa pesquisa, porém, propôs-se a investigar a educação musical em outro contexto, ou seja, em um projeto social. Tal escolha fez-se necessária devido à pequena quantidade de estudos acerca do ensino de música para crianças em espaço de educação fora do ambiente escolar e, sobretudo, pelo anseio em buscar novas possibilidades educativas.

As ações descritas anteriormente apontam uma prática educativa que não tem como alvo central e finalidade o desenvolvimento musical da criança, o que não contribui, efetivamente, para que este aconteça. Desse modo, invertem-se os fatores, pois o desenvolvimento musical passa a ser secundário. Assim, a escuta intencional, a apropriação do universo sonoro musical, a imaginação, a exploração e criação de novos sons, ritmos e melodias, que são importantes para o desenvolvimento musical da criança, por vezes, são ignorados. A vivência sonoro-musical proporciona experiência à criança. Quanto mais acúmulo de experiência ela tiver, mais material terá para imaginar e criar novas sonoridades. Esse processo cria condições de possibilidades para o desenvolvimento musical da criança. Para que tudo isso aconteça, é importante que a criança encontre um ambiente de liberdade e de confiança em suas possibilidades musicais.

A base teórica da pesquisa foi a psicologia histórico-cultural. E o instrumento metodológico utilizado foi a observação e conversas que recebeu o nome de “prosa musical”. A observação ocorreu em diferentes momentos no projeto social (planejamento, atividades de percussão corporal e também, com instrumentos musicais). A “prosa musical” ocorreu com os educadores musicais e com as próprias crianças. Tanto a observação como a “prosa musical” focou na escuta da criança, pois esta se dá não apenas em ouvir a voz, mas, além disso, na relação da criança com seus pares e os adultos, em suas brincadeiras e, na expressão de sua musicalidade.

A pesquisa no projeto social nos permitiu enxergar outras possibilidades de prática educativa de atividade musical com crianças para além das que foram descritas inicialmente, com base em alguns princípios que podem nortear tal prática educativa e, que assim, podem contribuir para o desenvolvimento musical, que considera as singularidades da criança.

Palavras-chave: criança, atividade musical, princípios norteadores.